

REGRESSO E BUSCA

A terra que pisas já não é a mesma
em que teu olhar se deitava antes de teres partido
desta casa, há alguns dias:
a que amavas em vigília obstinada
desde que nela despontaste.
Embora, quando ausente,
fosse amarga em teu peito,
e sombria em tua língua
ao tangeres o seu texto compacto.

Tens menos amor a essa íntima pátria
a que infinitamente querias?
Como podes sabê-lo?
Reconhece o rio ser mais pobre
depois de alguém lhe ter roubado
uns goles profundos para afogar a sede?

Os retratos esvaziam-se, perdem a frente e o fundo:
frutos decompostos a apagar-se.

Do que buscavas, nem sequer o odor
exalado em despedida, mitigado
pelo hálito dos círios e dos nardos
repletos de agosto.

O seu fluxo vai em ti subindo:
é um punho nocturno a tolher-te a garganta,
uma neve a assediar-te
até converter-se nas tuas pálpebras.
Investe do longe onde principiaste:
era para ti a água e a luz
e tu, dentro dela, o sopro que entumece até radiar o sangue,
— num tempo tão intenso
que não pôde subsistir e se quebrou, separando-vos,
sem consentir que o lembres
ainda que dele desabrochasse a tua plenitude.

O que mais teu hoje possuis
é o seu rosto quando, ao reclinar-se sobre ti,
punha em teus olhos todo o horizonte,
e o nome que te deu com um chamar-te
em que sua boca te dizia tanto
que as palavras não o atingiam.
O sorriso cintilava a completá-las.
Nele o silêncio é ainda música adensada.

Desejaste em tudo a sua dimensão.
Se não a encontravas, regressavas ao início:
no seu chão, inexaurível, persistia,
fonte que não dorme e, exultante, serve
ao esfacelar suas fibras na pedra.

Porque, ao ver-te pela última vez,
não cinzelou seu gesto no prenúncio da cinza?
Para que a imagem com que te penetrou
e te acalenta mesmo ao seres seu túmulo
seja a primeira, a mais perene que te concedeu?

Como vislumbrá-la?: ao afastar-se
derrubou o campo onde inscrevia a sua face.
Estás imóvel ou caminhas?

Teus pés palpam a terra,
leito onde acordar ou adormecer é naufragar em lágrimas
que anseias fossem torrente a devolver-te quem procuras:

tua mãe,

agora cerne puro dessa terra,
corpo com a força escura do vento soterrado
que em ti pulsará sempre seu coração diáfano.